



Levantamento histórico da dissidência de L. R. Conradi

A historical survey about L. R. Conrad dissidence

Renato Stencel¹

Alex Voos²

Resumo/Abstract



As crises ocorridas na Igreja Adventista têm sido frequentemente recontadas. Geralmente tem-se enfatizado as crises e dissidências envolvendo personagens da ala estadunidense da Igreja, entretanto, outras alas da denominação também sofreram com o ataque de críticos e desertores. Neste cenário, a apostasia de Ludwig Richard Conradi se destaca por ter sido um marco histórico proporcional à outros eventos. Ademais, a atuação negativa de Conradi contra o ministério de Ellen G. White é de particular interesse para aqueles que discutem sua autoridade profética. Este artigo visa a traçar um breve relato histórico da dissidência de Conradi e constatar as consequências de sua apostasia no desenvolvimento da Igreja Adventista no cenário Europeu.

Palavras-chave: Dom Profético; Ludwig R. Conradi; Dissidentes; Identidade Denominacional

¹ Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2006), mestre em Educação pela Andrews University (1993) e bacharel em Teologia e Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Atualmente atua como professor no Unasp e como diretor do Centro Nacional de Memória Adventista do Centro de Pesquisas Ellen G. White. E-mail: renato.stencel@unasp.edu.br.

² Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: alxvoos@gmail.com.



The crises from the Seventh-Day Adventist Church have been frequently re-told. The crises and dissidences involving personalities from the north-American part of church tend to be more emphasized. Therefore, other groups from church also suffered attacks of dissidents. Proportionally to other events the apostasy of Ludwig Richard Conradi is historically remarkable in the scenario. Furthermore, Conradi's negative behavior against Ellen G. White's ministry is particularly interesting for those who discuss her prophetic authority. This article aims to trace a brief historical narrative of Conradi's dissidence and to identify the consequences of his apostasy on the development of the European SDA Church.

Keywords: Prophetic gift; Ludwig R. Conradi; Dissidents; Church Identity



Origem e ministério³

88

Ludwig Richard Conradi nasceu em Karlsruhe, Alemanha, no ano de 1856. Desde cedo foi apaixonado pelos estudos (RANDOLPH, 1940, p. 5-12) e aos 15 anos já possuía boas noções de latim, grego e francês e uma voracidade pelas disciplinas de história e geografia. Contudo, enquanto se preparava para ser padre, Conradi perdeu o pai e foi forçado a abandonar o seminário católico.⁴ Migrou, então, para os EUA e conheceu a mensagem adventista enquanto trabalhava em um fazenda do estado de Iowa.

Juntando suas poucas economias e contando com o sacrifício dos irmãos de Iowa, Conradi se dirigiu em 1879 ao Battle Creek College (HEINZ, 1987, p. 19; SCHWARZ, 2009, p. 137). Acostumado com uma vida que exigia todas suas energias, Conradi terminou seus estudos em 18 meses, apenas um terço do tempo estimado. Ao mesmo tempo em que estudava, ele também era a principal força por detrás da publicação do

³ Este artigo é um resumo da monografia não publicada “Ludwig R. Conradi: *Finis Origini Dependet*, uma análise de sua vida e ministério”, originalmente apresentada na XI Jornada Bíblico-Teológica da Faculdade Adventista de Teologia, Engenheiro Coelho (VOOS, 2011). A monografia se encontra arquivada no Centro de Pesquisas Ellen G. White – Brasil.

⁴ Mais dados biográficos a respeito dos primeiros anos de L. R. Conradi até o seu ingresso no meio adventista podem ser encontrados em Heinz (1987), Strayer (1996), The Departmet (1944), Delafield (1957, p. 286), Grob (1974, p. 1-2) e Neufeld (1996, v. 10, p. 406).

Stimme der Wahrheit, primeiro periódico adventista a ser enviado para o Brasil (HEINZ, 1987, p. 19; NEUFELD, 1996, v. 10, p. 406; SCHWARZ, 2009, p. 222; GREENLEAF, 2011, p. 24).⁵

Ministério nos EUA

Após sua graduação, o carente e dedicado estudante foi presenteado com uma beca de formatura pelo casal White. Tiago White, na época presidente da Associação Geral, percebendo as competências do jovem alemão, convidou-o para ser seu secretário particular, entretanto, Conradi recusou o convite de White e preferiu engajar-se diretamente no trabalho evangelístico (RANDOLPH, 1940, p. 6; DELAFIELD, 1957, p. 289; GROB, 1974, p. 3; GERHARDT, 1977, p. 3, HEINZ, 1987, p. 19) e se destacou como um dos pioneiros ao trabalhar com a comunidade de imigrante alemães nos EUA. Logo o trabalho progrediu e, em abril de 1882, foi organizada em Milltown a primeira Igreja Adventista de fala alemã (REIMCHE, 1982, p. 9; WEARNER, 1984, p. 4-5; WEARNER, 1995, p. 14; SCHWARZ, 2009, p. 137). Entre os conversos de origem alemã se encontrava George Riffel, que posteriormente emigrou para a Argentina e se tornou o primeiro difusor da mensagem adventista na América do Sul (WEARNER, 1984, p. 4-6; WEARNER, 1995, p. 13-15; NEUFELD, 1996, v. 11, p. 870; SCHWARZ, 2009; GREENLEAF, 2011, p. 22-23).

89

Embora no começo dos anos 1880 a Igreja estivesse apenas ensaiando seus primeiros desafios missionários, não era possível imaginar que o trabalho de Conradi entre os imigrantes alemães fosse influenciar tanto o avanço das missões. Os novos conversos passaram a enviar folhetos para Rússia e outros difundiram a mensagem mudando-se para outras regiões dos EUA e Canadá (DUPUY, 1976, p. 6; REIMCHE, 1982, p. 9; LOHNE, 1988; SCHWARZ, 2009, p. 211). Sob a liderança de Conradi, a ala germânica da Igreja constituiria, nas primeiras décadas do século vinte, os pilares do avanço missionário Adventista sob o mundo.

Ministério na Europa

Em 1886, a Conferência Geral votou o envio de Conradi à Europa para assumir a carência de liderança que J. N. Andrews deixará ao morrer. “Dentro de cinco anos, ele havia organizado um instituto de treinamento para colportores e obreiros bíblicos, uma missão urbana e um complexo de publicações

⁵ Para uma maior compreensão da relação entre o envio das primeiras correspondências e o surgimento do adventismo no Brasil ver Borges (2000, p. 45-62) e Rosa (2004, p. 17-20).

em Hamburgo” (SCHWARZ, 2009, p. 211). Em 1890, os campos alemão e russo foram unificados sob sua liderança (NEUFELD, 1996, v. 10, p. 406).

Os colportores passaram a agir não apenas em território alemão, mas também em outros países. Cedo a literatura adventista começou a ser distribuída entre os Países Baixos, Áustria, Checoslováquia, Polônia e outros lugares. O campo europeu era fragmentado em diversas línguas e a tolerância religiosa se mostrava muitas vezes precária. Conradi entendeu que a colportagem era a estratégia perfeita nesse contexto missionário (HEINZ, 1984, p. 19; HEINZ, 1987, p. 13; SCHWARZ, 2009, p. 212, 276).

Temporariamente, os adventistas alemães conseguiram auto sustentar-se financeiramente e financiaram obreiros em outros campos. Seus primeiros representantes foram enviados para o Brasil em 1895 (SCHWARZ, 2009, p. 276).

Em meio a todo esse processo Conradi, parece ter mantido o vigor e o ritmo dos anos de estudante em Battle Creek. Entre os anos 1890-1896 o trabalho de Conradi resumiu-se em: 1) Batizar e organizar muitas igrejas, 2) traduzir livros e 3) liderar a Igreja na Alemanha e Rússia (GROB, 1974, p. 6). Durante sua vida, Conradi manteve um nível de atividade incrível e se sentia bem dormindo somente de 3 à 4 horas por noite (HEINZ, 1987, p. 17; STRAYER, 1996, p. 10-11).

Durante a Conferência Geral de 1901 foi criada no campo europeu a Primeira Divisão da história da Igreja Adventista e Conradi eleito o seu presidente (NEUFELD, 1996, v. 10, p. 406).

Levando a igreja além

Em 1902, a Igreja na Alemanha contava com uma ativa comunidade de quatro mil membros batizados. Essa numeração era duvidosa, mas, Conradi entendeu que o predomínio da Alemanha sob suas colônias africanas não poderia deixar de ser aproveitado. Após persuadir funcionários de alta influência no governo alemão, as portas foram abertas para que as missões adventistas atuassem com liberdade irrestrita nos territórios sob colonização alemã, o que compreendia boa parte do continente africano (MORRIS, 1911, p. 5; HAY, 1991, p. 4-5).

Em 1903, Conradi foi eleito vice-presidente da Associação Geral ao lado de W. W. Prescott, enquanto Arthur Daniells era o presidente (NEUFELD, 1996, v. 10, p. 406). Conradi também direcionou o avanço missionário para a região dos Bálcãs, o Império Turco e o Egito. Com a perda das colônias alemãs após a I Guerra Mundial o esforço missionário foi realinhado em direção às Índias Orientais e Holandesas, e partes da China (SCHWARZ, 2009, p. 276).

O desenrolar do progresso da Igreja na Alemanha não só revelou uma estável comunidade adventista, mas também o despertar de uma consciência evangelístico/missionária muito forte nos anos que se seguiram. Durante as primeiras décadas do século 20 a comunidade alemã veio a se tornar, ao lado dos EUA, o segundo pilar do movimento adventista, não só no número de membros e estrutura organizacional, como também no esforço missionário.

Desenvolvimento teológico e dissidência

À semelhança de outras, a apostasia de Conradi foi um processo longo e gradual. Desde os primeiros “sintomas apóstatas” até o seu desligamento definitivo da Igreja no final de 1931, há um longo período de mais ou menos 45 anos.

Conversão e formação adventista

Embora Conradi tenha, no tempo de seminarista, recebido uma considerável formação católica, não parece que esse fator desempenhado um papel relevante em sua apostasia. Desvencilhar-se das antigas pressuposições pode não ter sido um problema, mas a rápida passagem pelo Battle Creek College provavelmente tenha proporcionado uma base adventista pouco sólida (GERHARDT, 1977, p. 8).

O primeiro contato de Conradi com os adventistas ocorreu em uma região do estado de Iowa onde a igreja havia sido afetada por um movimento dissidente denominado *Marion Party* (NEUFELD, 1996, v. 11, p. 32). Pouco se falava sobre o dom profético de Ellen G. White em Iowa, mas quando o assunto surgia era sempre evitado (HEINZ, 1998, p. 32). B. F. Snook e W. H. Brinkerhoff, líderes do movimento dissidente, haviam levantado uma campanha contra Ellen G. White e a liderança de James White, presidente da Associação Geral. Quando Conradi se converteu ainda pairavam sobre a igreja em Iowa algumas reminiscências desta crise.

Ingresso no ministério

Em 1883, enquanto Conradi estava trabalhando entre os imigrantes alemães, ele enviou um exemplar do livro de Ellen G. White *Steps to Christ* (Caminho à Cristo) para Joseph Szalay, editor do *The Christian*, um periódico presbiteriano impresso em Budapeste, Hungria. O Pastor Szalay retornou

a correspondência a Conradi dizendo que também gostaria de publicar o livro em Húngaro. Feliz com a resposta, Conradi teceu elogios ao conteúdo escrito por Ellen G. White e publicou seu testemunho na *Review and Herald*, reportando que o livro havia provocado uma profunda impressão no pregador presbiteriano (CONRADI, 1894, p. 20-21; SZIGETI, 1983, p. 19).⁶

Durante os primeiros anos do trabalho de Conradi nos EUA, Ellen G. White apreciou a obra do enérgico e jovem pastor. No sermão da última sessão da Conferência Geral de 1883, ela disse:

Quando eu ouviu o testemunho do irmão Conradi, eu pude ver porque ele foi tão bem sucedido. Ele foi extremamente sincero na obra. Ele toma a obra como se ele pretendesse fazer algo com ela. Não é somente a habilidade que confere sucesso, conquanto o talento e a habilidade santificados são instrumentos refinados nas mãos de Deus; ela deve ser aplicada de maneira sincera na obra (WHITE, E. G., 1990, 1994, v. 2, p. 12, tradução livre).

Crises na Europa

92

Em 1886, quando Conradi foi enviado para o continente europeu, encontrou-se com Ellen G. White, que estava em viagem pela Europa desde agosto de 1885 (DELAFIELD, 1957, p. 286; WHITE, A. L., 1984, p. 264). Esse foi provavelmente o período de convivência mais próxima que os dois tiveram. Conradi acompanhou-a em algumas viagens e atuou como seu tradutor em várias ocasiões (DELAFIELD, 1957, p. 286). Alguns meses depois, Conradi foi preso na Rússia após organizar uma Igreja e realizar alguns batismos. A situação legal dele parecia muito delicada e ela lhe enviou uma confortante carta:

Querido irmão [...] Nós podemos ver agora mais claramente algumas das dificuldades que existem no caminho daqueles que querem obedecer a Deus. Nós não poderíamos reconciliar este fato com as circunstâncias agora, mas Deus trabalha de uma misteriosa maneira para cumprir suas maravilhas. [...] Mantenha a coragem e lembre que o Senhor é o Supremo Governador. [...] Pense no que Jesus o Príncipe da Vida sofreu neste mundo, o justo pelo injusto, para que Ele pudesse salvar homens da morte e da miséria.

⁶ Ver também *Review and Herald* (1984, p. 23).

Deus governa neste mundo. Ele é o Onipotente. Tenha certeza, então, que tudo o que ele deseja na sua sabedoria, ou o que seu amor intenta, Seu poder executará. [...] Nós cuidaremos de sua esposa e de sua criança de maneira especial. [...] Nós não esquecemos você e temos apresentado seu caso ao tribunal mais elevado (DELAFIELD, 1957, p. 287, tradução livre).

Entretanto, Conradi declarou que foi exatamente neste período de convivência com Ellen G. White na Europa que ele desenvolveu certa antipatia por ela (DELAFIELD, 1957, p. 288). Alguns tem sugerido que para Conradi, Ellen G. White fugia do conceito de uma boa *housfrau* (dona-de-casa) alemã – uma figura sujeita ao marido e restrita às atividades domésticas. Era difícil aceitar uma mulher tomar parte nas reuniões da igreja, influenciar decisões administrativas e até repreender proeminentes líderes (GROB, 1974, p. 13; SCHWARZ, 1979, p. 475).

Tendo em vista os recentes sucessos no campo americano e os grandes progressos realizados no desafiante campo europeu, era de se esperar que Conradi se sentisse realizado e satisfeito com sua obra ministerial. Todavia, em uma carta enviada ela em 1891 ele disse ter passado por uma profunda crise espiritual quando começou o trabalho na Europa. De maneira bastante pessoal ele confessou:

Quando juntei-me a este povo [o povo adventista], mais de 13 anos atrás, eu aprendi por experiência própria o que é experimentar da paz de Deus e da certeza dos pecados perdoados, também o que é ser livre da escravidão do pecado. *Em teoria, eu confesso que tive pouca luz a respeito desse assunto, como em muitos outros.* Por quase 7 anos eu permaneci vitorioso, fazendo estável progresso. [...] mas quando eu cheguei na Europa, mais apropriadamente um pouco antes, derrotas vieram, primeiramente de leve, durante longos intervalos. *Enquanto o meu desejo fosse trabalhar por união, eu nem sempre tinha o sentimento correto para com a sua pessoa [EGW].* As circunstâncias peculiares em Basel [Suíça] não foram de nenhuma ajuda para mim e eu fui lentamente perdendo o chão. Quando eu fui para a América [1888] *eu esperei ser ajudado, mas a reunião de Minneapolis somente adicionou escuridão. Suas palavras provaram-se verdadeiras em meu caso.* Eu tentei superar isso através do trabalho; o que por vezes ajudou parcialmente, mas a escravidão permaneceu. Oh! Quão escuro são as horas de escravidão (DELAFIELD, 1957, p. 288).

A confissão de Conradi evidencia que uma débil compreensão sobre o perdão de Deus seria a raiz do problema. O próprio Conradi era um dos que naquele momento precisavam da reconfortante mensagem de Justificação pela Fé. Entretanto, ele decididamente assumiu partido ao lado dos que discordavam de A. T. Jones, E. J. Waggoner e Ellen G. White nas reuniões de Minneapolis, tendo sido lembrado como “um dos mais tagarelas e críticos” do grupo que tratou com severo deboche e descaso as exposições de Waggoner e Jones (FROOM, 1971, p. 248).

Oposição em Minneapolis

Enquanto na conferência, Conradi ficou hospedado juntamente com outros 25 advogados de Iowa em uma grande e espaçosa casa. McReynold, que estava hospedado com ele, disse que a atmosfera espiritual dos delegados naquele lugar era nada mais do que “deprimente”. Não houveram “momentos de culto, ou o som de um grupo de oração à noite ou pela manhã — apenas gargalhadas e críticas por alguns, especialmente por Conradi” (FROOM, 1971, p. 259, tradução livre). Foi talvez por possuir esse espírito zombeteiro que W. G. C. Murdoch, um antigo colega de Conradi, observou muitos anos depois de sua apostasia: “Eu era bem familiar ao pastor Conradi e viajei com eles muitas milhas, o caráter do pastor Conradi não se adequava ao de um ministro do evangelho” (GROB, 1974, p. 7, tradução livre).

Quando chegou em Minneapolis, as contendas talvez tenham surpreendido-o, já que ele vinha da Europa e a discussão efervescia entre os estadunidenses. Pouco tempo antes das reuniões de Minneapolis, em outubro de 1888, Ellen G. White lamentou que Conradi deveria ter recebido cartas dela. Pelo contexto, entretanto, não é possível determinar se ela desejava escrever sobre o debate que vinha se arrastando nos EUA. Mas por estar ocupada com os problemas “deste lado do Atlântico” não chegou a escrever nada para ele (WHITE, E., 1987, v. 1, p. 156).

Segundo Conradi “o encontro de Minneapolis só adicionou escuridão” à sua condição espiritual. W. C. White disse que os delegados partiram “com uma grande variedade de sentimentos. Alguns achavam que essa tinha sido a maior bênção de sua vida; outros, que ela assinalava o início de um período de trevas, e que os efeitos malignos do que havia sido feito na conferência jamais poderiam ser apagados” (SCHWARZ, 2009, p. 182). Ellen G. White, poucos anos depois comentou o espírito daqueles que haviam feito parte do grupo de gozadores:

Enquanto eu estava em Minneapolis, Ele me fez segui-lo de quarto em quarto, de forma que eu pudesse ouvir o que estava sendo falado no dormitório. O inimigo tinha tudo indo do seu jeito. Eu não ouvi nenhuma oração, mas ouvi meu nome sendo mencionado e difamado. Nos quartos ocupados com nosso pessoal, nós ouvimos piadas, crítica, risos e zombaria. As manifestações do Espírito Santo estavam sendo atribuídas ao fanatismo. [...] O mesmo Espírito que moveu os rejeitores de Cristo, colocava raiva em seus corações, e se eles tivessem vivido na época de Cristo, teriam agido de forma similar aos Judeus descrentes e sem Deus (WHITE, E. G., 1987, v. 4, p. 1564-1565, tradução livre).

Dois anos após Minneapolis, sua disposição quanto a Ellen G. White parece ter mudado visto que foi publicado na *Review* o relatório de uma recente viagem missionária que ele fizera à Rússia. Em uma das comissões presididas por ele, foi votado “gratidão a Deus pela manifestação dos dons Espirituais entre nós e *especialmente pelo Espírito de Profecia*” (GERHARDT, 1977, p. 10-11, grifo nosso).

No ano seguinte, em agosto de 1891, Conradi pediu desculpas à Ellen G. White por sua atitude em Minneapolis e disse:

Em vista dos sentimentos que eu nutria contra você e suas palavras, os quais eu deixei transparecer na reunião de Minneapolis, eu peço perdão. E se você e meus irmãos ainda me garantirem um lugar na causa de Deus, eu posso dizer, com a ajuda de Deus – e eu tenho evidências dela – eu serei um diferente ministro, membro e irmão [...] Eu posso agora apreciar as suas admoestações feitas no passado e ver a luz onde antes havia trevas. Não deveria ser meu privilégio encontrar você no próximo ano? Eu posso lhe garantir que em Cristo eu serei um com você no trabalho e que minhas orações estarão com você. Eu agradeceria se você pudesse proferir algumas palavras dizendo se você recebeu a minha carta e se você me perdoaria e me daria também alguns conselhos, conselhos e reprovações serão agradecidamente recebidos (DELAFIELD, 1957, p. 288, tradução própria)

Reprovado por Ellen G. White

Pouco contato parece ter ocorrido entre os dois após esta carta. Até que cinco anos depois, por volta de 1896, Conradi teve uma filha em um

caso extraconjugal. Ellen G. White, que nessa época estava na Austrália, o repreendeu pelo adultério. Poucas pessoas na Igreja alemã ficaram sabendo do ocorrido, e o caso não chegou a se tornar um escândalo público. Como consequência, Conradi foi removido de seu cargo administrativo e resignado a trabalhar fora da Alemanha, visitando e dando suporte aos campos missionários (HEINZ, 1987, p. 24; HEINZ, 1998, p. 95-96).⁷

Algum tempo depois de perder seus cargos, em outubro de 1897, ele enviou da Rússia uma carta para Ellen G. White em que afirmava estar encontrando “luz” na Palavra de Deus e nos “testemunhos do Seu Espírito” – ou seja, no que ela escrevia (DELAFIELD, 1957, p. 291). Ele expressava:

gratidão a Cristo, o qual provou ser um amigo fiel e o meu sumo sacerdote. Quando tudo parecia escuro e Satanás instava nenhuma esperança. [...] Minha oração hoje é, Senhor, unge meus olhos, deixe-me perceber a minha própria salvação, guarda todos os meus passos nos caminhos do dever e me permita saber o Teu desejo para a minha vida. [...] *Eu não quero arruinar o Seu trabalho por causa do passado*, mas ele foi graciosamente perdoado. *Eu estarei satisfeito se você tiver alguma luz ou exortação e conselho* [...] (DELAFIELD, 1957, p. 291, tradução livre, grifo nosso)

96

Daniel Heinz, considerando a atitude ambígua que ao longo dos anos Conradi manteve em relação a Ellen G. White, julga que ele sabia que sem a aprovação dela seria mais difícil de retornar ao elevado cargo que ele anteriormente ocupava (HEINZ, 1998, p. 96).

A questão do “diário”

Durante o período que esteve afastado da presidência do campo Russo-Alemão, Conradi começou a revisar a obra de J. N. Andrews, *History of the Sabbath*. Analisando profundamente as obras dos reformadores protestantes, se sentiu atraído pela ideia de que Lutero, um alemão, tivesse sido o primeiro a proclamar as três mensagens angélicas. O que consequentemente neutralizava a importância do Movimento Milerita (SCHWARZ, 1979, p. 475; SCHWARZ, 2009, p. 288).

Conradi, apesar de ser naturalizado americano, tinha um forte sentimento nacionalista em relação ao seu país natal. Isso pode ter influenciado

⁷ Conferir também Grob (1974, p. 15-16).

sua interpretação teológica que dava preferência a Martinho Lutero e o Movimento da Reforma. Também explica em parte suas atitudes precipitadas tomadas posteriormente durante a I Guerra Mundial (GERHARDT, 1977, p. 21-22; SCHWARZ, 1979; STRAYER, 1996, p. 10).

Conradi começou a escrever seu próprio comentário sobre o livro de Daniel, desenvolvendo uma nova interpretação para a questão do “diário” de Daniel 8:12. Porém, antes de publicar suas novas ideias, enviou uma carta para Ellen G. White perguntando se ela tinha mais luz à respeito do assunto. Ela não respondeu sua carta e ele seguiu avante com a impressão do livro. Como ela explicou mais tarde, não era seu objetivo alimentar tal discussão (SCHWARZ, 2009, p. 609), podemos entender, então, por que a carta de Conradi a respeito do “diário” nunca foi respondida.

S. N. Haskell, G. I. Butler e George Irwin se posicionaram ao lado da antiga interpretação de Guilherme Miller e Uriah Smith (HALOVIK, 1980, p. 36; SCHWARZ, 1979, p. 398; SCHWARZ, 2009, p. 609). Quando Conradi buscou publicar seus escritos na América, Edwin R. Palmer, editor da *Review and Herald*, disse-lhe: “Aqui na América não nos é permitido publicar nada que mesmo em pequena parcela possa estar contra o irmão Uriah Smith, por que a irmã White ajudou o irmão Smith quando ele escreveu Daniel e Apocalipse”⁸, Conradi procurou ainda o próprio Uriah Smith que lhe respondeu: “Nenhum iota será mudado do que nossos pioneiros disseram. [...] o que eles fixaram é divino.”⁹ Em contra partida, Conradi usou sua influência para não permitir que os livros de Smith fossem publicados na Inglaterra (HALOVIK, 1979, p. 38).

97

⁸ Taquigrafia abreviada da resposta dada por Conradi perante a comissão da Divisão Europeia em Fridensau em 22 de julho de 1932 depois dos irmãos Gilbert, Crisler, G. W. Schubert e W. Müller terem replicado a apresentação de Conradi, disponível no Arquivo do Centro de Pesquisas Ellen G. White. A resposta de Palmer a Conradi é melhor compreendida tendo em vista a crença muito comum entre os adventistas daquela época, de que Ellen G. White havia declarado ter visto um anjo ao lado de Uriah Smith conduzindo-o enquanto escrevia o livro *Thoughts on Daniel and the Revelation*. Os testemunhos históricos de tal declaração não são muito seguros, mas mesmo que ela tenha realmente dito isto, Palmer e muitos outros não estavam sendo sensatos no juízo que faziam. A declaração deve ser compreendida da mesma maneira como entendemos que os anjos estão ao redor de qualquer um que esteja consagradamente envolvido na causa de Deus. Isso não quer dizer que tais pessoas sejam inspiradas ou infalíveis em suas atitudes (WHITE, A. L., 1957; ver também KNIGHT, 2003, p. 74-75 e GOUGLAS, 2009, p. 402-403).

⁹ Independentemente da opinião defendida por Uriah Smith estar equivocada ou não, o argumento apresentado por ele desconsiderava o princípio de que “a luz da verdade bíblica é progressiva e deve brilhar ‘mais e mais até ser dia perfeito’ (Pv 4:18)” (QUESTÕES, 2011, p. 55-57; ver também NISTO CREMOS, 1989, p. 11-13).

À medida em que a discussão progredia, o grupo que se opunha a Conradi passou a usar declarações do livro *Early Writings* para combatê-lo e defender a antiga interpretação de Daniel 8:12. Ellen G. White, no entanto, reagiu repreendendo-os pelo uso arbitrário de seus escritos e disse que “suas observações anteriores tinham o propósito de dar validade à profecia dos 2300 dias, não definir o [termo] diário” (SCHWARZ, 1979, p. 398; SCHWARZ, 2009, p. 609).

Na Conferência Geral de 1901, Conradi discutiu a questão, em nível particular, com outros delegados e afirmou: “a declaração de [Ellen G.] White no [livro] *Primeiros Escritos* a respeito da questão do santuário não foi uma autoridade para mim” (GROB, 1974, p. 7, tradução própria).

Subindo de posto

Até 1901, Conradi havia sido responsável apenas pelos campos alemão e russo,¹⁰ onde o adventismo vinha se desenvolvendo acentuadamente, de forma que sua liderança continuava sendo muito estimada pelos líderes americanos. Os debates teológicos não afetaram a reputação de Conradi e ele foi eleito presidente da recém criada Divisão Europeia. Ellen G. White em um de seus discursos durante a Conferência, enquanto comentava os avanços na Europa, disse “o irmão Conradi tem carregado uma pesada carga do trabalho na Europa” e, dirigindo-se diretamente a ele, aconselhou:

Deus quer que você *tenha pessoas ao seu lado*, e Ele quer que você dê a elas toda motivação possível. Ele quer que o trabalho que você está fazendo vá com toda a força e todo o poder. Você tem feito o trabalho de muitos homens. Deus tem abençoado os seus trabalhadores de forma imensurável. Os Anjos de Deus tem feito esse trabalho, não o irmão Conradi. Ele tem aberto as portas para os anjos e dado a Deus uma oportunidade para trabalhar, deixe-me dizer-lhe que Ele irá implantar uma operação que irá para frente com tanta força e poder, que você nem sonha. “Fé é a certeza das coisas pelas quais se esperam, a evidencia das coisas que se não veem.” *Deus quer que nós trabalhemos pela fé. Deixe de lado toda a crítica, toda incredulidade, todo o desejo de medir os seus companheiros de trabalho, que talvez*

¹⁰ Em 1891, os campos Alemão e Russo foram separados do Campo da Europa Central e colocados sobre os cuidados de Conradi (NEUFELD, 1996, v. 10, p. 406).

não tenho tido um milésimo da oportunidade que você teve (WHITE, E. G., 1901, p. 27, tradução livre e grifo nosso).

Conradi era um líder de muitas capacidades, possuía uma oratória fascinante¹¹ e, ao que tudo indica uma impressão carismática. No entanto a convivência sobre sua liderança, não era das mais simples. Alfred Vaucher relatou que como um jovem pastor ele nunca gostou muito de se encontrar com Conradi pois sua saudação de praxe sempre era um inconveniente: “Quantas almas?” Pode-se dizer que a atitude das pessoas se polarizavam entre admiração ou aversão a ele (HEINZ, 1987, p. 18). Ou o seguiam sem questionar ou o ignoravam (GERHARDT, 1977, p 3). “Conradi era visto como uma personalidade patriarcal e depois de ele ter falado não havia nada mais a declarar” (SIMON, *apud* GROB, 1974, p. 12; ver também STRAYER, 1996, p. 10).

Ninguém havia, até aquele momento, notado ou avaliado os desvios teológicos de Conradi. Aliás, ao que tudo indica, suas opiniões não eram perceptíveis à liderança da Associação Geral localizada nos EUA. Perigosamente, quando foi eleito presidente da Divisão Europeia, ele já havia fixado grande parte das opiniões problemáticas que se manifestariam nos anos subsequentes. Conradi começou a disseminar as ideias contrárias às doutrinas da Igreja e a semear dúvidas com respeito ao ministério de Ellen G. White (HEINZ, 1998, p. 102; SCHWARZ, 1979, p. 475).

Em 1910, Conradi, em uma carta para Daniells, falando sobre a discussão do “diário”, comentou:

Eu estou feliz que a Sr. White tenha falado tão abertamente, que eles não deveriam citá-la a favor de certas opiniões. Eu penso que se isso fosse colocado como um princípio, o estudo cuidadoso da Bíblia passaria a ser mais fácil para nossos irmãos no futuro (HALOVIK, 1980, p. 48, tradução livre; ver HALOVIK, 1979, p. 37).

Embora Conradi estivesse certo em reprovar aqueles que recorriam diretamente aos escritos de Ellen G. White como se assim fosse dispensável o

¹¹ Nas palavras de quem o ouviu pregar: “L. R. Conradi era meu pregador favorito quando eu ainda jovem frequentava as campais em Dakota do Norte [...] Ele tinha a habilidade de estimular ambos jovens e velhos. [...] Seus gestos eram dramáticos, e ele sabia como manter as pessoas jovens atentas e as pessoas idosas acordadas” (BIETZ, 1996, p. 1-2, tradução livre; ver também WESTPHAL, 1911, p. 17; SPIES, 1911, p. 1 e 6; PAGES, 1926, p. 4).

cuidadoso estudo da Bíblia, havia ainda mais por detrás de sua declaração. Sua intenção não era desenvolver um modelo correto para a interpretação dos escritos de Ellen G. White, mas anular por completo a validade do seu ministério profético.

Um novo paradigma de interpretação

Em fevereiro de 1910, Z. G. Baharian, um missionário no campo turco (NEUFELD, 1996, v. 10, p. 154), informou W. C. White e W. A. Spicer, presidente da Conferencia Geral, que Conradi vinha levantando crescentes dúvidas a respeito do Espírito de Profecia. Ele traçou um histórico do que vinha acontecendo desde 1898, quando a mensagem de Reforma de Saúde começou a ser introduzida na Europa, até onde um concílio ocorrido em Constantinopla Conradi havia buscado provar que os escritos de EGW possuíam diferentes níveis de inspiração e que os escritos com as orientações sobre saúde não estavam no “clube” dos inspirados. Portanto nas palavras de Conradi “os escritos dela não eram um guia seguro” para eles (HALOVIK, 1979, p. 28-29).

100

Depois de se desligar da Igreja Adventista, Conradi escreveu que um de seus motivos para rejeitar Ellen G. White foi a descoberta da omissão de algumas palavras entre a primeira e a segunda publicação de suas primeiras visões (CONRADI, 1932). Mudanças tais como as que aconteceram entre a primeira e a segunda edição do livro *The Great Controversy*¹² também foram estranhas à compreensão de inspiração que ele detinha. Em uma carta trocada com Conradi, W. A. Spicer argumentou com ele:

Uma questão mais importante do que o assunto dos meros detalhes de uma correção ou de uma declaração equivocada (nos livros *Spirit of Prophecy*) é a questão de como trataremos dos tópicos que tem passado pela mão de vários editores. Nós temos tido um pequeno conflito, com alguns de nós, por muitos anos, tentando fazer os irmãos verem que não seria correto conferir qualquer autoridade extraordinária para detalhes dessa natureza. [...] *Mas uma coisa é certa, irmão Conradi, seguramente essas frases e declarações históricas nesses livros têm sido corrigidas da mesma forma que em qualquer outro livro. Claro que nós devemos levar em consideração*

¹² Para uma análise sobre essas duas edições do livro “O Grande Conflito” consultar Douglas (2009, p. 446-450).

todos os conselhos com o autor em fazer correções (HALOVIÁK, 1980, p. 48, tradução livre, grifo nosso).

Conradi se revelou um ferrenho defensor da inspiração verbal, o que o impedia de compreender as modificações editoriais nos livros de Ellen G. White e suas declarações à respeito “do diário”. Muitas dificuldades poderiam ter sido evitadas caso Conradi entendesse o processo de inspiração ocorrendo por pensamento e não de palavra em palavra.¹³

Em 1911, após o livro *The Acts of the Apostles* ser publicado, W. C. White enviou uma interessante carta para Conradi em que ele explicava como sua mãe havia trabalhado na composição do livro:

O trabalho preliminar levou mais ou menos cinco meses de leitura e pesquisa; então se seguiu o trabalho de selecionar aqueles artigos, porções e manuscritos que mais claramente representaram o que ela desejava dizer [...] Dia a dia os manuscritos foram submetidos a leitura da Mamãe. [...] Ela marcou os manuscritos livremente, escreveu e adicionou palavras, frases e períodos para fazer afirmações mais claras e mais fortes. Por fim, estas foram submetidas para serem copiadas uma segunda vez (WHITE, W. C., 1981, tradução livre, grifo nosso).

101

Sendo que W. C. White, neste momento, já havia sido informado por Baharian, o missionário em campo turco, do método de “seleção de conteúdo inspirado” que Conradi vinha seguindo, é de se esperar que os pormenores da redação de *The Acts of the Apostles* não foram mencionados por acaso. W. C. White queria descrever de maneira mais clara para Conradi como sua mãe normalmente procedia na composição dos escritos. Seguramente, *The Acts of the Apostles* foi um dos livros em que Ellen G. White mais livremente editou o conteúdo até que ele chegasse a sua forma final, sendo, portanto, um bom exemplo de como a noção de inspiração verbal não se adequava ao seu ministério.

¹³ Resumidamente, temos aqui duas teorias de inspiração, a teoria da “inspiração do pensamento” e a teoria da “inspiração verbal”. A inspiração do pensamento entende que Deus dá a mensagem ao profeta e permite-lhe transmiti-la com suas próprias características de linguagem, numa associação do divino com o humano. Já a teoria de inspiração verbal propõe que Deus age diretamente na escolha das palavras usadas na comunicação da mensagem. Este modelo impõe sérias dificuldades para harmonizar questões como a supressão de conteúdo ou a reformulação de frases em uma mensagem já transmitida pelo profeta anteriormente. Para uma melhor entendimento do assunto ver por exemplo Douglas (2009, p. 16-17).

A Conradi foi posto um dilema: ou rejeitava seu paradigma do processo de revelação-inspiração, ou rejeitava o dom profético de Ellen G. White. Mas as explicações dadas por W. C. White, ao invés de esclarecedoras, soaram gritantes às convicções que Conradi defendia.¹⁴ Quatro anos depois (1914) Conradi comentou de forma aberta e declarada qual era sua opinião a respeito do livro *The Acts of the Apostles*:

As chapas [para a impressão do livro] *Atos dos Apóstolos* chegaram, mas eu me senti desanimado quando vi a página do título e sobre ela a Sra. Ellen G. White. Talvez em menor instância, de certo, porque ele será disseminado entre o nosso próprio povo. Mas nós descobrimos que toda a Europa tem uma grande aversão a escritos religiosos e teológicos escritos por mulheres; e então você perceberá que nas edições [do livro] para a colportagem, nós simplesmente dizemos E. G. White, e dessa forma, de maneira alguma a primeira página indica que [o livro] é escrito por uma mulher (GROB, 1974, p. 13-14, tradução livre e grifo nosso).

102

Além da crescente dissonância doutrinária, com o tempo, surgiram também choques administrativos entre Conradi e a direção mundial da Igreja que vieram abalar fatalmente sua fé adventista.

O surgimento dos Adventistas da Reforma

Em 1914, com o começo da I Guerra Mundial, as comunicações entre a Alemanha e os EUA se tornaram difíceis e a Divisão Europeia, cuja sede

¹⁴ Herbert Douglas faz um interessante comentário sobre o grupo dos defensores da inspiração verbal no meio adventista: “Os deste grupo (e são muitos) que permaneceram na igreja como líderes de influência na administração ou no evangelismo *criam que eram os únicos capazes de salvar a denominação da apostasia*. Podiam [sic] citar como exemplos de onde esse pensamento os levaria, muitos que tentaram ‘reinterpretar’ Ellen G. White — homens como os irmãos Balenger (A. F. e E. S.), J. H. Kellogg, A. T. Jones, W. A. Colcord, E. J. Waggoner, L. R. Conradi e W. W. Fletcher. Um traço comum a todos esses líderes notórios que desertaram era a decisão de ‘que o Espírito de Profecia podia ser dividido em partes ‘inspiradas’ e ‘não inspiradas’. Parece relevante que, na maioria dos casos, os que começaram a fazer essas classificações perderam finalmente a confiança no Espírito de Profecia” (DOUGLAS, 2009, p. 441).

e a maior parte dos membros ficava na Alemanha, se isolou do restante da Igreja mundial. A Igreja europeia não tinha a mesma experiência que a Igreja nos EUA acumulara durante a Guerra Civil nem buscara desenvolver contatos com as autoridades militares durante os tempos de paz. Faltava orientação de como proceder em tempos de guerra. Logo, problemas com o sábado e o porte de armas começaram a aparecer e alguns adventistas negaram-se a apoiar qualquer esforço bélico, levando ao fechamento de todas as igrejas adventistas em uma região da Alemanha. Sabendo da execução de membros de um grupo religioso que mantivera suas fortes convicções pacifistas, a liderança alemã “informou por escrito ao ministro de guerra alemão [...] que os recrutas adventistas do sétimo dia portariam armas como combatentes e prestariam serviço no dia de sábado em defesa de seu país”. Também era obrigatório o envio das crianças para escola aos sábados sobre pena de prisão dos pais caso elas faltassem. Com respeito a isso, foi feito um acordo para que pudessem levar a Bíblia e lê-la em sala de aula (SCHWARZ, 2009, p. 364-365, 372).

A declaração emitida pela liderança alemã negava a postura pacifista que os adventistas historicamente defendiam e comprometia seriamente a observância do sábado como um princípio inegociável. Previamente um grupo dissidente, que viria a se tornar o Movimento dos Adventistas da Reforma, havia se revoltado contra a administração da Igreja. A falha cometida por Conradi e os demais líderes subordinados a ele deram ao grupo um pretexto para continuar a rebelião. Caso a liderança encabeçada por Conradi houvesse se mantido firme aos princípios adventistas, o Movimento Adventista da Reforma dificilmente haveria se concretizado (OLIVEIRA, 1985, p. 129-132; SCHWARZ, 2009, p. 619-132).¹⁵ Como resultado da crise ocorrida na Alemanha, na Conferência Geral de 1918, foram tomadas medidas para evitar que uma Divisão da Igreja agisse de maneira tão independente em relação ao restante da Igreja mundial (SCHWARZ, 2009, p. 315).

103

Revolta contra a liderança

Após o término da guerra, uma delegação da Associação Geral se dirigiu a Alemanha com o objetivo de resolver os equívocos cometidos durante a I Guerra Mundial. Boa parte dos líderes alemães reconheceram suas atitudes precipitadas, mas Conradi prosseguiu irredutível, afirmando que havia tomado as decisões certas segundo as exigências da circunstância (SCHWARZ, 2009, p. 620).

¹⁵ Com respeito ao surgimento do Movimento Reformista e suas práticas ver Kramer (1991).

Em 1922, Conradi foi afastado da presidência da Divisão Europeia. Um dos motivos da não reeleição de Conradi pode ter sido sua avançada idade, na época 66 anos (SCHWARZ, 2009, p. 475), suas orientações doutrinárias e principalmente pelos erros cometidos durante a I Guerra Mundial (GROB, 1974, p. 7). L. H. Christian, um americano, foi eleito em seu lugar. A reação de Conradi na época não foi das melhores; pouco antes de morrer, ele expressou por escrito os seus sentimentos com respeito ao evento: “Isso é demais para suportar, fazer tal coisa a um pioneiro maduro que construiu tudo por si mesmo, e agora tudo é dado à um jovem, um rapaz inexperiente ” (CONRADI, *apud* GROB, 1974, p. 10; ver também GERHARDT, 1977, p. 22; SCHWARZ, 2009, p. 476).

Conradi foi remanejado para a secretaria da Associação Geral, um posto de pouca expressão administrativa, o que representou uma mudança drástica na rotina profissional de um homem acostumado à liderança ativa. Profundamente ofendido (GROB, 1974, p. 8; GERHARDT, 1977, p. 21; HEINZ, 1987, 24) e com a convicção de que ninguém poderia substituí-lo, Conradi passou a agir como um “consultor” dos campos missionários, uma função sem muito poder e influência (GERHARDT, 1977, p. 7).

Ele passou, então, a dedicar bastante tempo para escrever e publicar. Em 1923 no livro *Das Golden Zeitalter* ele enfatizou que “o Movimento Adventista não é um movimento estadunidense, mas que remonta aos tempos da Reforma” (DELAFIELD, 1957, p. 288; HEINZ, 1987, p. 22) e buscou desenvolver uma identidade independente para o adventismo europeu. A partir de 1925, ele começou a visitar as principais bibliotecas europeias e americanas onde costumava pesquisar sem interrupção das 9 horas da manhã até as 18 horas da tarde (GROB, 1974, p. 9, 19; RANDOLPH, 1940, p. 8). Somente no Museu Britânico ele dedicou seis meses dessa carregada rotina (RANDOLPH, 1940, p. 8). Enquanto explorava a Biblioteca de Nova Iorque, disse ter encontrado a prova para alegar que as primeiras visões de Ellen G. White foram intencionalmente deixadas de fora das edições posteriores, o que justificava ainda mais suas dúvidas com respeito ao livro *Early Writings* (CONRADI, 1932; HEINZ, 1998, p. 102).

104

Desligando-se definitivamente

Em 1930, por volta dos 75 anos de idade, Conradi ainda alimentava esperanças de ser eleito presidente da Associação Geral, mas foi desapontado pela escolha do australiano C. H. Watson (ADVENTIST, 1985, p. 52). No verão de 1931, um comitê se reuniu no Colégio de Fridensau, Alemanha, para ouvir Conradi e tentar convencê-lo a abandonar as ideias de desarmonia

com a Igreja. Entretanto, a reconciliação não foi possível. Encolerizado, em um dos momentos da reunião, esbravejou: “Eu lhes dei tudo, eu lhes dei as instituições e as igrejas. Vocês têm o dinheiro, o dízimo e as ofertas. Vocês têm tudo, eu não tenho nada” (GROB, 1974, p. 15; GERHARDT, 1977, p. 22). Posteriormente seguiu argumentando:

De onde Tiago White retirou o seu material nos primeiros dias? Dos Batistas do Sétimo Dia [...] Irmãos, orem por mim, assim como oro por vocês. Se alguém quisesse harmonia, eu seria essa pessoa. [...] Eu acredito na vitória da mensagem, mas isso não significa que cada tijolo está posto corretamente. [...] Eu devo seguir o meu caminho. É algo estranho, algo peculiar [...] Acredite em mim, há Alguém que examina tudo, e ante Quem eu devo prestar contas.¹⁶

A Associação Geral tentou novamente reconciliação e, em outubro do mesmo ano, Conradi se dirigiu aos EUA à sessão do Concílio Outonal da Associação Geral, uma seleta comissão de presidentes e professores de teologia¹⁷, onde se dispuseram a ouvir suas opiniões. A comissão não aceitou sua posição teológica, mas propôs que se ele parasse de atacar a Igreja publicamente sua credencial poderia ser mantida normalmente (GROB, 1974, p. 9-10; HEINZ, 1998, p. 107-108).

Ainda em 1928, Conradi havia recebido um livro com a história da Igreja Batista do Sétimo Dia. Em novembro de 1931, um mês após o acordo de “não ataque a Igreja”, entrou em contato com os líderes da denominação Batista do Sétimo Dia nos EUA e, após uma bem sucedida aproximação, foi-lhe concedida uma credencial. Assim Conradi partiu novamente para a Alemanha, desta vez sem relação com os Adventistas do Sétimo Dia, mas para lançar as bases da Igreja Batista do Sétimo Dia em solo alemão. Em 1939 ele já havia organizado 27 igrejas, reunido cerca de 500 membros, dos quais a maior parte era anteriormente adventista (RANDOLPH, 1940, p. 9; FROMM, 1971, p. 678; GROB, 1974, p. 3; SCHWARZ, 2009, p. 621). A despeito destes números, Daniel Heinz comenta que a liderança de Conradi à frente dos batistas do

¹⁶ Pasta DF 96, Centro de pesquisas Ellen G. White – Brasil.

¹⁷ Dentre a seleta lista de pessoas presentes se encontravam: C. H. Watson, presidente da Associação Geral, I. H. Evans, W. H. Branson, E. Kotz, M. E. Kern, J. L. McElbany, L. H. Christian, H. F. Schuberth, W. A. Spicer, F. M. Wilcox, J. J. Nethery, A. G. Daniells, M. L. Andreasen, W. Mueller, W. W. Prescott, R. Rühling, W. C. White e G. W. Schubert (HEINZ, 1998, p. 107).

sétimo dia foi um total fracasso se comparada com sua atuação pioneira nos primeiros anos do adventismo (HEINZ, 1987, p. 24).

Conradi morreu em 1939. Um pouco antes da sua morte terminou de escrever *The Founders of the Seventh-Day Adventist Denomination* (CONRADI, 1939), um pequeno livro cheio de amarguras e rancores contra sua antiga denominação, atacando pessoalmente José Bates, Guilherme Miller, Tiago White, Ellen G. White e outros. Seu filho, um notável médico, continuou sendo adventista (DELAFIELD, 1957, p. 296) e destacou-se pela manutenção do sanatório de Zehlendorf, Berlim, durante a Segunda Guerra Mundial (CHRISTIAN, 1947, p. 24).

Em vista do ofensivo conteúdo que Conradi havia publicado antes de sua apostasia, Le Roy Edwin Fromm foi impelido a escrever os quatro volumes da série *The Profetic Faith of Our Fathers* em resposta aos desafios lançados por Conradi (FROMM, 1971, p. 259; SCHWARZ, 2009, p. 397). Conradi “fez muito para desenvolver a obra na Alemanha, apenas para mais tarde se voltar abertamente contra ela” (SCHWARZ, 2009, p. 186).

Como Conradi chegou à apostasia?

106

A apostasia de Conradi não foi simplesmente doutrinária. Ao lado de suas convicções teológicas de amplo amparo acadêmico, pode-se facilmente identificar motivações pessoais contra Ellen G. White e a liderança da Igreja. Conradi foi desde cedo atraído pelo lado abstrato e impessoal da verdade. Para ele, verdade se resumia primariamente a uma “teoria ou postulado”, sendo experimentada apenas em seu âmbito seco e racional (FROMM, 1971, p. 259 e 679; GROB, 1974, p. 20-21). Não havia espaço para experiências mais pessoais e profundas com Deus e ele passou a enterrar suas frustrações individuais em baixo de teologia associada à erudição.

É difícil indicar algum momento na vida de Conradi em que ele aceitou seguramente Ellen G. White como profetisa (GROB, 1974, p. 15; HEINZ, 1987, p. 10). Antes de seus problemas pessoais com o adultério, a reação dele para com ela foi indefinida e dúbia. Contudo, a partir da discussão sobre o “diário”, uma clara postura contra Ellen G. White foi sendo assumida. O contexto de sua conversão, em um círculo adventista afetado pelas críticas de Snook e Brinkerhoff, criou dúvidas desde a primeira vez em que ele ouviu falar do casal White. Sua ida para estudar em Battle Creek foi uma boa oportunidade para conhecer pessoalmente Tiago e Ellen G. White e tirar suas próprias conclusões. Por outro lado, seus questionamentos, ao invés de sanados, com o tempo se tornaram ainda mais fortes. Além dos fatores de ordem pessoal

Conradi manteve sua convicção na inspiração verbal em oposição à maneira livre com a que Ellen G. White trabalhava na composição de seus escritos.

Consequências

Johann Helmut Gerhardt avalia que Conradi foi para a Igreja na Europa o que J. H. Kellogg significou para a Igreja nos EUA (GERHARDT, 1977, p. 3). Todavia, em contraste com a apostasia de Kellogg, as consequências deixadas por Conradi foram bem mais duradouras e proporcionalmente mais catastróficas. Conradi, após se separar do adventismo não poupou esforços em atacá-lo (FROOM, 1971, p. 483). O pior não foram os 500 membros que ele reuniu na Igreja Batista do Sétimo Dia, mas as ideias que ele difundiu dentro do adventismo e a herança que ele deixou mesmo depois de abandonar suas fileiras. Durante muitos anos, Conradi não promoveu suas ideias abertamente, principalmente quando em contato com os líderes americanos. “Embora na aparência exterior tudo parecesse ir bem, estavam em operação influências sutis que, posteriormente, afetariam de forma negativa a igreja na Europa durante muitos anos” (SCHWARZ, 1979, p. 475).

107

Influência pela página impressa

Embora fosse um bom orador, sua influência foi sentida principalmente através do que ele publicou (GROB, 1974, p. 19). Sendo um hábil e prolífico escritor, sua erudição e talento conferiram bastante peso a suas opiniões. No total, a circulação dos livros e panfletos escritos por Conradi é estimada entre 12 à 15 milhões de unidades (HEINZ, 1987, p. 22 e 24). Apenas seu comentário sobre Daniel e Apocalipse foi reimpresso 40 vezes, chegando à soma de 4 milhões de exemplares (GROB, 1974, p. 19).¹⁸ Segundo dados estatísticos tardios de 1953, apenas 1.232.629 livros de Ellen G. White haviam sido vendidos na Europa (GROB, 1974, p. 18) em contraste com os 12 à 15 milhões de Conradi. A correlação destes dados mostra que a divulgação dos livros de Conradi superou em muito a difusão dos escritos de Ellen G. White ou qualquer outro autor denominacional. No quadro americano, vários líderes expunham seus entendimentos teológicos. Embora por vezes a livre manifestação de ideias provocasse acalorados debates, ela impedia a prevalência

¹⁸ Segundo Augusto Pages (1926, p. 4) até 1926, 2.485.000 exemplares dos livros de Conradi haviam sido vendidos.

de opiniões precipitadas. Em contraste, no contexto europeu Conradi atuou praticamente sozinho sem ninguém para criticá-lo ou avaliar suas opiniões.

A dependência que a Europa adventista tinha da imprensa alemã e o suporte que ela dava à obra de colportagem atuante em vários países, resultou na vasta disseminação das obras de Conradi por todo o território europeu. Por volta de 1898, ano em que Conradi passou a rejeitar Ellen G. White definitivamente, até 1931, quando sua credencial adventista foi retirada, compreende-se um período de 33 anos, dos quais 22 correspondem ao apogeu de sua influência administrativa como presidente da Divisão Europeia. Mesmo depois de 1922, quando Conradi deixou de ser presidente, sua figura patriarcal continuou sendo respeitada e admirada pela comunidade adventista (GROB, 1974, p. 20).¹⁹ Foi a partir desse período que ele encontrou mais tempo para escrever e desenvolver melhor o que pensava.

Os fatores sócio culturais

Conradi começou, em 1898, a minimizar a importância do Movimento Milerita Americano e transferir a interpretação do anúncio das três mensagens angélicas para Lutero enfatizando a Reforma Protestante. Os europeus já pareciam estar menos dispostos à mudança espiritual promovida pelo adventismo, em parte por causa de sua origem americana (SCHWARZ, 2009, p. 278-279). Conradi contribuiu para que essa barreira fosse fortalecida tanto no que diz respeito a Ellen G. White quanto à aceitação do adventismo como um todo.

Pode-se pressupor que, naturalmente, devido aos fatores sócio culturais, se encontrou oposição aos escritos de Ellen G. White na Europa por causa de sua origem estadunidense e por ser mulher. Contudo, nos primeiros anos da obra adventista europeia, a Igreja não encontrou tal predisposição dentro do círculo íntimo de membros. O próprio Conradi fez algumas traduções dos escritos dela para o alemão (GROB, 1974, p. 15; GERHARDT, 1977, p. 10). Em 1903, os adventistas alemães organizaram uma campanha baseada na venda do recém lançado livro dela, *Parábolas de Jesus*, com a intenção de arrecadar fundos para a construção do colégio de Fridensau (SCHWARZ, 2009, p. 212 e 276).²⁰ Se nesse momento já existissem predisposições natu-

¹⁹ Pode-se ver como exemplo de sua popularidade uma festa que foi organizada em Hamburgo nas dependências da Casa Publicadora para o seu aniversário de 70 anos com a presença de 500 pessoas (PAGES, 1926, p. 4).

²⁰ A seguir, se encontra uma carta em que Ellen G. White comenta as doações que vinha fazendo para o campo europeu: “Ontem a tarde após a conferência, eu apelei por uma contri-

rais contra ela, não seria comercialmente estratégico arrecadar fundos com a venda de um livro de autoria impopular.

Conradi alegou que sua ruptura não começou diretamente com a Igreja, mas com a aceitação do ministério profético de Ellen G. White (CONRADI, 1932). A partir de então, ele passou a minimizar o trabalho e os escritos dela numa tentativa de “salvar” a Igreja de sua influência. A intenção de Conradi pode ter sido facilitada pelo crescente nacionalismo ocorrido nos anos seguintes da Alemanha nazista, quando foi inculcada a convicção de que a cultura alemã apresentava um paradigma mais elevado e eficiente para todas as áreas práticas e filosóficas da cultura. Consequentemente, criou-se uma repulsa por tudo o que era de origem estrangeira, principalmente no que se referia ao âmbito ideológico. Conradi já havia rivalizado em seus escritos a Igreja alemã com a americana e soava antipatriótico depender da Igreja nos EUA.

Legalismo e enfraquecimento da identidade denominacional

Segundo Fredy Grob e J. H. Gerhardt um outro fator a ser destacado é o forte cunho legalista que Conradi imprimiu na formação adventista europeia. A mentalidade formada por Conradi nunca levou as pessoas a entenderem as dimensões espirituais do sábado, da doutrina do santuário e das três mensagens angélicas. Levando tudo a ser tratado apenas no seu âmbito seco e racional (GROB, 1974, p. 21-22; GERHARDT, 1977, p. 3). “Isso tudo por causa de um homem?” questiona Grob, “Eu estou seguro que ele teve muito a ver” (GORB, 1974, p. 21, tradução livre).

A experiência individual dos líderes em Minneapolis resultou na recuperação de um adventismo doutrinariamente fragilizado onde quer que eles atuassem (SCHWARZ, 2009, p. 183-185). Em contraste, a atitude insolente de Conradi em 1888 impediu que sua visão administrativa se importasse com a justificação pela fé ou com a eliminação do legalismo. A esfera da Igreja

buicção para as missões estrangeiras, e aproximadamente 100 dólares foram levantados. Isso será enviado para o pastor [L. R.] Conradi. Ele está impulsionando o trabalho na Europa com todas as suas forças, e está explorando novos campos. Ele precisa de dinheiro. Eu já tenho dado à aqueles que estão encarregados do trabalho na Europa permissão para usar mil dólares dos direitos dos meus livros no pagamento de traduções” (WHITE, E. G., v. 10, p. 64, tradução livre).

que esteve sob sua tutela não passou pela reforma²¹ que naquele momento o adventismo tanto precisava.

As críticas de Conradi também afetaram o senso de identidade denominacional, um dos assuntos mais cruciais e sensíveis (ver KNIGHT, 2006) para a sobrevivência de qualquer movimento religioso. Na sua opinião, a experiência milerita não apontava para o surgimento de um remanescente responsável pela restauração da Verdade e a pregação das três mensagens angélicas. Por fim, ele concluiu, assim como qualquer outro evangélico, que o santuário celestial nem sequer existia e que Cristo fez expiação pelos pecados da humanidade logo que subiu ao Céu.²² Essas e outras convicções abalaram a consideração denominacional pela Doutrina do Santuário, eliminando as características distintivas do adventismo, em relação a outros grupos religiosos.

Considerações finais

A eficiente administração de Conradi foi durante muito tempo analisada pelo vigor das instituições, crescimento de membros, arrecadação de recursos, e envio de missionários. Em outras palavras, Conradi foi avaliado apenas por números. O futuro parecia ser glorioso, mas com o decorrer dos anos os valores que deveriam mover a igreja foram invalidados pelo espírito denominacional que Conradi modelou. A qualificação moral de Conradi e as motivações por detrás de suas decisões é que determinaram os reais resultados de sua influência, não simplesmente como administrador, mas também como guia espiritual.


Historiadores adventistas podem apenas imaginar o tremendo impacto negativo que a influência de Conradi produziu através dos anos (WIDNER, 1996, p. 2). Entretanto, seguramente pode-se delinear sua influência no que diz respeito à Ellen G. White e o enfraquecimento da identidade adventista. Conradi plantou dúvidas e questionamentos a respeito do ministério de Ellen G. White que anularam a influência dela sob pastores, líderes e a comunidade leiga em geral.

Um dos detalhes mais básicos e determinantes para qualquer grupo religioso é o que se escolhe como fonte de autoridade (ver KNIGHT, 2006, p. 59) — se a Bíblia, a filosofia, a tradição etc. — e as suas pressuposições hermenêuticas para interpretá-la. É com base em tal elemento que a identidade, o

²¹ Com respeito ao legalismo e a reforma que o Adventismo em meados de 1880 necessitava (ver KNIGHT, 2003, p. 85-87).

²² Com respeito às convicções pessoais de Conradi conferir sua declaração em Fridensau perante os líderes da Igreja (Centro de pesquisas Ellen G. White, DF 96, ver também RANDOLPH, 1940, p. 8; DELAFIELD, 1957, p. 288 e 294; FROOM, 1971, 679; GROB, 1974, p. 8-9 e 19).

propósito e todas as demais noções características de uma denominação são formadas. Como consequência da influência negativa de Conradi sob o dom profético de Ellen G. White criou-se dentro do adventismo uma fração que não compartilha da mesma base comum de interpretação e autoridade. Não conservando, assim, um consenso comum de estilo de vida, missão e identidade. No sermão do monte Cristo disse que “pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7:16). Muitos consideram essa prova a mais sólida e segura para se testar um profeta verdadeiro – não por acaso esse teste foi proferido pelo próprio Jesus. Desafortunadamente, tal garantia não pode ser obtida de forma instantânea. É necessário esperar os anos para enxergar que espécie de frutos a obra de um profeta produz. Em geral, os maus frutos nascem primeiro.

Curiosamente, a igreja que deu ouvidos a Ellen G. White superou crises – tais como a de Kellogg, por exemplo –, e manteve a unidade, conservando-se em constante desenvolvimento. Infelizmente, o mesmo otimismo não pode ser mantido quando se observa os lugares que à rejeitou. Seriam todas as dificuldades que a Igreja na Europa enfrenta hoje, consequências do legado de Conradi? Certamente que não. Muitos outros fatores históricos e socioculturais também devem ser considerados. Contudo, a interferência de Conradi enfraqueceu o senso de identidade e a aplicação da orientação divina para a Igreja nos dias de hoje. Dois aspectos cruciais para superar os momentos difíceis de crise. À luz de sua experiências srá bom lembrar o conselho bíblico: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10:12). 

Referências

ADVENTIST Heritage, v. 10, n. 1, 1985.

BIETZ, R. R. Letters. **Review and Herald**. v. 173, n. 15, 1996.

BORGES, M. **A Chegada do Adventismo ao Brasil**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

CHRISTIAN, L. H. Livramentos providencias na Europa. **Revista Adventista**, fev. 1947.

CONRADI, L. R. Hungarian. **Review and Herald**, v. 71, n. 2, 1894.

_____. Report of Seventh Day Baptist Conference. **The Sabbath Record**, 12 de setembro de 1932.

_____. **The founders of the seventh-day adventist denomination**. Plainfield: The American Sabbath Tract Society (Seventh Day Baptist), 1939.

DELAFIELD, D. A. **Ellen G. White in Europe**. Grantham: The Stanborough Press Limited Alma Park, 1957.

GOUGLAS, H. **Mensagem do Senhor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

DUPUY, R. To Russia with love and back again. **Outlook Northern Union**, 10 mai. 1976.

FOR THE RECORD. **Review and Herald**, v. 71, n. 19 1984.

FROOM, L. R. E. **Movement of destiny**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1971.

GERHARDT, J. H. L. R. **Conradi the development of a tragedy**. Monografia. (História da Igreja Adventista). Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, Outono de 1977.

GREENLEAF, F. **A land of hope**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

112

GROB, F. **Conradi and the consequences of his apostasy**. Monografia (História da Igreja Adventista). Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, primavera de 1974.

HALOVIK, B. In the Shadow of the 'Daily': background and aftermath of the 1919 Bible and history teachers conference". Monografia. In: MEETING OF SEVENTH-DAY ADVENTIST BIBLICAL SCHOLARS, 14, 1979. **Anais do congresso**. New York, 1979.

_____. **Pioneers, pantheists, and progressives: A. F. Ballenger and divergent paths to the sanctuary**. Washington: Office of Archives Statistics General Conference of Seventh-day Adventists, 1980.

HAY, D. F. Louis Conradi's afro-pacific connection. **Redord**: Official Paper Seventh-day Adventist Church South Pacific Division, 23 nov. 1991.

HEINZ, D. Adventists celebrate centennial of church in Soviet Union. **Review and Herald**, v. 161, n. 19, 1984.

_____. Ludwig Richard Conradi. **Adventist Heritage**, v. 12, n. 1, 1987.

_____. **Ludwig Richard Conradi**: missionar, evangelist und organisator der siebenten-tags-adventisten in Europa. Frankfurt, Germany: Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften, 1998.

KRAMER, H. H. **Os adventistas da Reforma**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

KNIGHT, G. R. **A mensagem de 1888**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. **Em busca de identidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

LOHNE, A. **Adventistas na Rússia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

MORRIS, J. Our work in Africa. **The Youth's Instructor**, jan., 1911.

NEUFELD, D. F. **Seventh-day Adventist Encyclopedia**. Hagerstown: Review and Herald, 1996.

OLIVEIRA, E. O. **A mão de Deus ao Leme**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

PAGES, A. Festa comemorativa em Hamburgo. **Revista Mensal**, jul., 1926.

113

QUESTÕES sobre doutrina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

RANDOLPH, C. F. Rev. Louis Richard Conradi, D. D. **The Sabbath Recorder**, mar. 1940.

REIMCHE, A. How the german work began. **Review and Herald**, v. 159, n. 17, 1982.

ROSA, M. **Pioneiros do Sul**. Taquara: Metta Conference do Brasil, 2004.

SCHWARZ, R. W. **Light bearers to the remnant**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1979.

SCHWARZ, R. W.; F. GREENLEAF. **Portadores de Luz**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2009.

SIMON, I. **Die Gemeinschaft der S. T. A. in Volkskund Licher Sicht**. Münster: Münster Verlag Aschendorf, 1965.

SPIES, F. W. A conferencia União Brasileira. **Revista Mensal**, jan. 1911.

STRAYER, B. E. The amazing life of L. R. Conradi. **Review and Herald**, jan. 1996.

SZIGETI, J. Steps to Christ has interesting history in Hungary. **Review and Herald**, v. 160, n. 5, 1983.

THE DEPARTMENT of Education General Conference of Seventh-day Adventists. **Lessons in Denominational History**. Washington: The Department of Education General Conference of Seventh-day Adventists, 1944.

WEARNER, R. G. The Riffels: planting adventism in Argentina. **Review and Herald**, v. 161, n. 15, 1984.

_____. Still nurturing the spirit of the pioneers. **Review and Herald**, mar. 1995.

WESTPHAL, F. H. The field work: Chile. **Review and Herald**, v. 88, n. 6, 1911.

WHITE, A. L. Ellen G. White's last four books: part 1. **Review and Herald**, v. 158, n. 24, 1981.

WHITE, E. G. **Ellen G. White: the lonely year, 1876-1891**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1984. (Ellen G. White Biography, 2).

114

_____. The work in England. **The General Conference Bulletin**, abr. 1901.

_____. **Manuscript Releases**. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 1981.

_____. **The Ellen G. White 1888 materials**. Washington: Ellen G. White Estate, 1987.

_____. **Sermons and talks**. Silver Spring: Ellen G. White Estate, 1990-94.

WIDMER, E. A. When the leader leaves. **Review and Herald**, mar. 1996.

VOOS, A. Ludwig R. Conradi: finis origini dependet, uma análise de sua vida e ministério. Monografia. In: JORNADA BÍBLICO-TEOLÓGICA DA FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA, XI, 2011. **Anais do Congresso**. Engenheiro Coelho, 2011.

Enviado dia 15/05/2013

Aceito dia 10/06/2013

